

ÁGUA TRANQUILA

(Cliché do distinto fotógrafo sr. Domingos Alvão)

Segunda série—N.º 435

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 22 de Junho de 1914

Dirêtor e proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

Edição semanal do jornal
O SÉCULO

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	
Ano.....	4880	10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 5

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais facil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.

Cold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pele. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, pano, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis Para fora acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO

VICENTE RIBEIRO & C.^a—84, Rua dos Fanqueiros 1.^o—LISBOA



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na epoca do desmamamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrrhia, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e EM TODAS as PHARMACIAS e BOAS MERCEARIAS.



SE SOFFREIS DO ESTOMAGO

Se me queixais de acidez, regorgitações, palpitações, somnolencia, debilidade geral, submetel-vos ao regimen do delicioso

PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

e em poucos dias todos os incomodos terão desaparecido por completo

Phoscao é o alimento ideal dos amencios, dos corcovados, dos convalescentes, dos velhos. E' de vez vezes mais nutritivo que a carne

REMESSA GRATUITA

De uma caixa para experiencia

Deposito: FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hespanha)
Mercearias, Pharmacias e Drogarias

EU CURO A HERNIA SEM O USO PERMANENTE DA FUNDA

Se V. está herniado ou conh. se alguém que padeça a hernia, o meu método, de cura deve interessar-o. O meu método difere de todos os outros, no que não só contém toda a classe de hernias em uma forma continua e segura com perfeita comodidade mas tambem faz formar um novo tecido na abertura da hernia, unindo assim o lugar roto, produzindo uma cura perfeita e permanente. Nunhum outro método fará o mesmo. Já tenho provado por varias vezes que o meu método de cura depois das operações cirurgicas terem fracassado, os meus pacientes curados tem-se exposto a exercicios fisicos mais ruez, os quaes submetido a reconhecimentos medicos, os doutores certificaram a cura. Nenhuma pessoa herniada é muito joven ou muito velha nem nenhuma hernia é tão grave que não tenha cura.



Entre os muitos que se tem curado encontram-se os Srs. D. E. Rodrigues de Lima, morador na Rua dos Marrazos, AVEIRO, Portugal, comerciante de 35 anos de idade, e o Sr. D. Luiz da Mata, ENXENDOS (Beira Baixa) Portugal, um comerciante, que estava herniado havia 5 anos.

Não se demore V. a escrever-me quanto antes pedindo-me detalhes acerca do meu método e eu enviarei-lhe tambem uma amostra gratuita do meu medicamento franco de portes. Escreva-me já, antes que a sua hernia chegue ao estado de se estrangular e que uma operação seja o unico meio (não certo) de se salvar a sua vida.—Dr. WM. S. RICE (S 825), 89, STONECUTTER ST., LONDRES, E. C., INGLATERRA.



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironomias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos.

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.

Um rei

Guilherme de Wied, improvisado rei da Albânia por acordo da Triplice Aliança, é um alemão honesto, sensato e inteligente. A realidade surpreendeu-o na situação d'esses muitos príncipes em disponibilidade, inventariados to-



dos os anos, como múmias, ao longo das paginas douradas do almanaque de Gotha. Simples-

mente, como não é fácil improvisar reis contra a vontade dos povos — a Albânia recusa-se a reconhecer o por soberano. E o pobre príncipe de Wied, a quem a Triplice continúa a impôr o supplicio de uma monarquia que é uma constante ameaça de morte, — está na triste contingencia de não poder ser rei porque a Albânia não quer, e de não poder deixar de o ser, porque a Alemanha não consente.

O Douro

Deve ser de fome e de miseria o ano agrícola do Douro. O agravamento tributario; todos os factores economicos que determinaram a emigração; o abandono da terra pelos trabalhadores rurais; o consequente aumento dos salarios; por ultimo, a doença das vinhas, queimando e devastando, como uma labareda ful-



va, os riquissimos vinhedos da região, — levaram a lavoura á situação angustiosa em que presentemente se encontra. O problema economico do Douro constitue hoje uma das mais desoladoras expressões do grande problema nacional. Não é, decerto, insultando-nos uns aos outros, que o poderemos resolver.

Eva moderna

A moda feminina tem-se debatido e debatido ainda entre duas correntes contrarias: a corrente pagã, que pretende revelar, em toda a sua livre beleza, as



fôrmas gloriosas da mulher, e a corrente cristã, que pretende disfarçar-as e escondel-as, creando fôrmas artificiaes e aberrantes, em desarmonia com as linhas esculpturaes do corpo humano. Ainda hontem a Eva moderna tinha resurgido a nudez das «maravilhosas», com as tunicas transparentes de madame de Stael, as pantalonas cor de rosa da «croyenne» Tallien e joias nos pés descalços como a loira Recamier; — pois já hoje se anuncia o regresso ás anquinhas, que produ-

ziram no seculo XVII a monstruosidade das «Meninas» de Velasquez, em 1860 a caricatura execravel da saia de balão, e que, no lapis moderno e nervoso de Sem, começam a dar-nos a impressão de limpa-penas.

Duas conferencias

Antero de Figueiredo e Manuel de Sousa Pinto realisaram ultimamente duas conferencias admiraveis: a do primeiro lida em Vila Nova de Gaia, no «atelier» de Teixeira Lopes, occupa-se da «Arte na educação da mulher»; a do segundo, lida em Lisboa, na recita classica do Teatro Nacional, intitula-se: Portugal e as Portuguezas em Tirso de Molina». Em ambos os trabalhos, onde se afirma a mais nobre distincão literaria e a

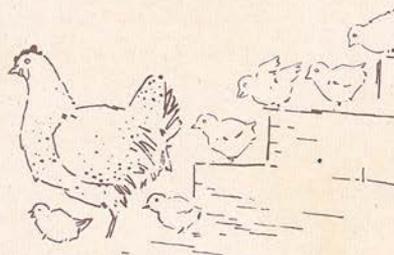


mais alta cultura de espirito, os dois illustres escriptores referem-se largamente á mulher portugueza. Sentem-na e evocam-na. Hontem, na névoa dourada e confusa do tempo, correndo Sevilha pelo braço amigo de frei Gabriel Teles; hoje, na claridade ofuscante da vida moderna, aprendendo a arte maravilhosa e infinita de tornar menos desgraçado o homem.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

O MIGALHAS.



Logo de manhã, á matina indolente do sino da aldeia, aberta uma vez a portada da cozinha, a boa mãe saltou do cesto de veiga ao borralho morto da lareira de pedra, e veiu correndo muito esperta e envaidecida pelos degraus da escada do alpendre, trazendo atraz de si, a principio muito felizes, depois tropeçando, aflitos, os seus doze pintos miudos, a sua alegria, onze dos quaes, abrindo de quando em vez o recurso das azas, pareciam fugir, perseguidos, atraz d'ela, redondos e loiros como novelos de lã que podessem voar, estremecendo as penas!...

Tinha pela primeira vez a sua ninhada, aquela mãe; e bem mostrava que a sua felicidade era muita, como muito o seu sentir afetuoso, quando, infimamente abraçada do calor da sua alegria materna, de impulso deitava a correr pelo caminho fóra, deitava a voar por sobre as lenhas e os regatos, radiante e ligeira, parando d'acaso para bater as azas e sentir junto de si, atraídos e cançados, os pequenitos amarelos e peiros, que logo se lhe vinham unir, para sentirem, proximos do agasalho das suas penas quasi vermelhas, o amor inequalavel da sua proteção.

— Mãe... Porque foges tanto?!... — choravam alguns, recostando-se e com o bico aberto de canção.

Oh! então, quando se alegrava a boa mãe com a ingenua e carinhosa anciedade dos pequenitos.

Cacarejando e assocegando-os, sorria-se! Sorria-se a galinha, maravilhada. E, olhando atraz, á altura de umas silvas arrepeladas para o caminho, pacientemente se punha a esperar um filho que vinha gmeando e tropeçando, o unico doente, e aquele, entre todos, que lhe parecia melhor alma — por isso mesmo, o mais bonito.

— Anda... — rogava, fitando-o de lado e a sorrir-se, com ironia. Vamos, meu filho: anda mais depressinha!...

E o pinto aí chegava, palidoso, com o bico roxo e as pernitadas dobradas de fadiga.

Nascera doente, e essa infelicidade parecia ter arrastado comsigo, para aquela vida, uma série innumera de desgostos. Assim, o ultimo greiro, aquele que o egoismo ancioso dos irmãos desprezava, já satisfeito, esse era o seu greiro pequenito

e roto... Para o comer á vontade, longe das bicadas e troças familiares, encostava-se á mãe, e d'ela recebia as migalhas lanhadas no bico arqueado e perspicaz. Sempre debil, mal ia, aos seus dias, se os irmãos azugavam, cortando a terra em vôo, batendo as azas no sol, pelos carreiros compridos. Então tudo eram graçolas, arremedos á sua fraqueza, ao seu choro, aos seus cuidados. Franzino, ele parava ás vezes a meio da estira, arquejando, com as palpebras caídas de esmorecimento e o coraçãocito, lá dentro, batendo-lhe, apressado. Que o Senhor o leve!... E aos outros, inconscientes, dava-lhes gosto, tontos, arremessarem-lhe para os ouvidos, como pedradas, esse nome de guerra que lhe doía de ofensas, ridiculo e pobre, a pontos de cavar hora a hora, mais e mais, o fundo melancolico em que a sua doenca parecia ter-se enervado, a viver, a alastrar. Era d'então que as lagrimas mal lhe deixavam vér, em nuvédos ardidos e completos, os gravetos duros do caminho, com que ia tropeçando. Maus irmãos, má gente — choramingava. A galinha, depois, parava, e entre-tinha-o e chamava-o:

— Anda, «Migalhas»... Estás um pelém!...
— «Migalhas», «Migalhas!» — bradavam os outros pintos, de troça.

O pequenito, de bico sujo e as palpebras frias como duas pequeninas folhas de neve, lá vinha vindo, de corpo mal equilibrado nas pernitadas finas e debeis, como de arame.

Assim, n'aquelle dia ultimo, tinham andado imenso; e o seu coração, de cançado, já batia pouco-xinho!...

Oh! o rór das terras que correram! Tinham passarinhado a valer, por aqui, por ali, galgando as cobras pateadas da agua de rega; esvoaçado sobre os canhotos dos raxadores, dentro dos eidos; trepado escadas, descido escadas, e, sobre tudo, debicado alegres, por toda a tarde, n'um campo verde de lameiro, onde o encanado das hortaliças grelava, n'um regalo, desde cima até quasi á barba verde dos pastos.

Por onde quer que eles andassem ouvia-se, ao redór, um formigueiro de chilros, uma vozearia confusa de aves a recolherem pela subida roxa da lua, nos ceus distantes e suspensos do horizonte. Parecia ser do seu gosto debicar e chorar, debicar e cantar e falar — comer e não estar calado. Assim, foram ao fundo da varzea; e voltaram de lá, contentes, quando já eram horas de regressar ao poiso dos amos, antes que fechasse a noite, que não era certo ter lua. O resto, d'essa vez, ficava



para a primeira viagem... Já o sol dava pelo peito aos montes do nascente. A nóra do «Vermelhinho,» que ficava longe d'aqueles sitios, adormecera; já se não ouvia chorar. Estavam de volta. Mas como a mãe, de entretida que vinha, só reparasse tarde, entre todos, na auzencia extraordinaria do «Migalhas,» o seu mimo, desde logo se resolveu a interrogar os filhos, e desatou a cacarejar para em redor, insistente e nervosa, que não fosse acaso o pequenino ter-se perdido, e vaguear em choros por algum caminho arredado...

Como novelos esvoaçando, os pintos gordos desataram a correr atrás da mãe, estremecendo nas pernitias aguçadas; parando a ouvir o que ela acaso, parando, lhes impunha:

— Vosso irmão?!...

E os pintinhos, abstratos de todo, olhavam em redor, piavam, chamavam, pensavam!...

— Quem veio atrás?— insistia, consumida.

E os pintinhos piavam, choravam, pensavam, desanimados!...

Então a galinha, mettendo-se ao caminho, contou-os, entrementes que chamava, nervosa:

Já as horas do dia se extinguíam, também, na grande fonte luminosa do poente!... Como sofria uma alma quando se exilava do corpo que a ganhara com amor e esforço!... Na despedida as duas forças deviam chorar-se muito!... Já àquela hora tudo eram saudades!... Depois, ainda a mão barbara do tempo havia de produzir a maior dôr: o esquecimento!...

E, como a ultima gota que a cortou, a vida do pequenito desfez-se em poeira, no espaço!...

Então as lagrimas foram palavras, que tudo disseram, apressando-se na maior dôr.

Já os pequenitos desandavam, cada um para seu lado, estremecidos de pena, a chorarem da realidade brutal da primeira dôr que lhes vinha ao encontro, na vida talvez longa!...



STUART

— «Migalhas?...» Migalhas?...

Agóra eram os outros, caçados, que tropeçavam, rogando. Que a mãe não fosse tão depressa; que descansassem um pouco, pois que assim a não podiam acompanhar.

Apressada, a galinha chamava; irrisava as penas, de inquieta, olhando, escutando, aflita por aquele filho, a choral-o e a beijal-o em pensamento.

— «Migalhas?!...» Meu filho?!...

E logo admoestava os outros, chilreantes ao redor. Que se calassem, que deixassem ouvir... E avançava, chorava...

— Pequenino?!...

Quando então, caído n'umas palheiras do caminho, o pintainho appareceu, arquejando, as palpebras a arroxear em fim da vida; as azitas, brancas, quasi cerradas para a Morte!...

Irrissada, a galinha ficou-o olhando com o pavor, o ar suspenso de angustia que aprisiona as almas nas grandes horas de tragedia. lam nas ultimas as gotas de sonho da fonte d'aquela vida!...

Balavam trindades, para onde quer que fosse!...

Deus avisava de uma tristeza, de uma noite a cada vida, na tristeza da noite que aí vinha...

Corajosa, a mãe poz-se então a cavar; a sacudir as lagrimas e a cavar, tanto que o sino anunciava «a Maria sempre virgem, concebida sem pecado, misericordia dos pobres...»; as nuvens de ouro listravam o céu morto sobre a montanha; e um carro rural vinha gemendo, parecia que de saudade, pelo caminho fóra...

Corajosa, cavou, levantou, encerrou, cobriu, fazendo da fraqueza das lagrimas a força que avigora os nervos e torna as almas mais fortes e nobres do que o bronze, nos grandes momentos!...

Estava liso e quieto o bocadinho de terra onde o seu beijo dormia...

E contados os demais, que já todos terminam de susto, abalou!...



De traz, da cova, vinha-se desembelhando e estendendo um fio que teimava em prender-se, carinhoso, á sua alma!...

Aqui e ali, os sentimentos prendem-se-nos n'um abraço; metade da nossa vida é prisão!...

Quando chegaram a casa, noite feita, já meia família gritava de um a outro lado, alvoroçados como labaredas que se batem n'um fogo, á procura da ninhada que agora aí vinha, espantando todo o povo!...

Uma velha manca, subindo egoistamente a candeia de petroleo aos olhos, aninhou-se a contar os pintos a um por um, que vinham estranhos, piando e fugindo!...

—... seis, sete, oito, nove... Onze, Maria da

res, estacava sobre o recosto de madeira, de olhos no ceu, que se abrazava de astros.

Adormecendo os filhos, veiu espaiar, que lhe cançava a alma o escuro e o socego da cosinha velha, inúteis para ela.

Ele ainda ha grandes negruras na alma que são maiores que as negruras da noite!...

Cantavam sapos lá, á distancia dos pinheiros, que pareciam contentes!... O ceu, interrompido a meio pelo angulo duro e entreposto do predio em sombras, evocava meia abobada de um templo, cravejada de diamantes, para encantar a filha orfan e ingenua de algum rei mergulhado em tedio e desolação!... Trepando do seio fundo dos campos e abstratas, massas negras do arvoredo cismavam, silenciosas!...

Então, a meio do extasis de sete espadas da sua rememoração, a mãe sentiu que um choro, ao la-



Luz, onze! Falta um!—bradava a velha, sacudindo-se e mancando para todos os lados.

Assustada á frente do avental agitado, a ninhada veiu subindo o eido, trepou depois a escada de calhaus e foi entrando na cosinha.

—Onze, sr.ª Maria Engracia?—interrogou a pequena, vendo-os entrar.

—Onze, filha! Morreu-se um, quando Deus quer, perdido por esses ordeiros. Ou então afogado na poça, que ainda é peor!...

A ninhada recolheu-se... Chorosa, a rapariga e a velha foram-se ao outro lado, á cosinha nova, a cuidar o caldo da ceia. Quando a mais nova voltou, para chorar á vontade, na varanda, o seu desgosto, outro desgosto, mudo e atento como a imagem das grandes do-

do, era como a gota de oleo na ferida em braza, que a dulcifica. Da caridade nervosa e profunda da pequenita, os seus olhos alongavam-se de lagrimas, que tambem eram gratidão. Jam mil saudades para o ceu, que se estremecia de encanto e de deslumbramento!...

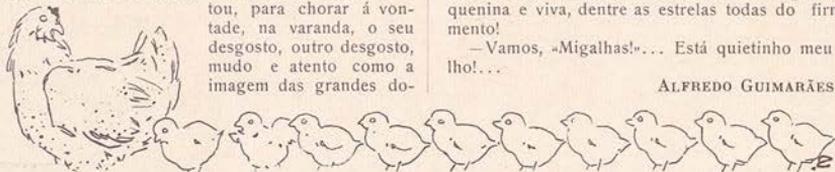
—Tanto pequenino a luzir!... Tanto pequenino!...

E foi n'essa hora, sob a onda confusa das lagrimas brilhando á flor dos olhos, que o seu espirito se iluminou ao fogo de uma maior palpitação!

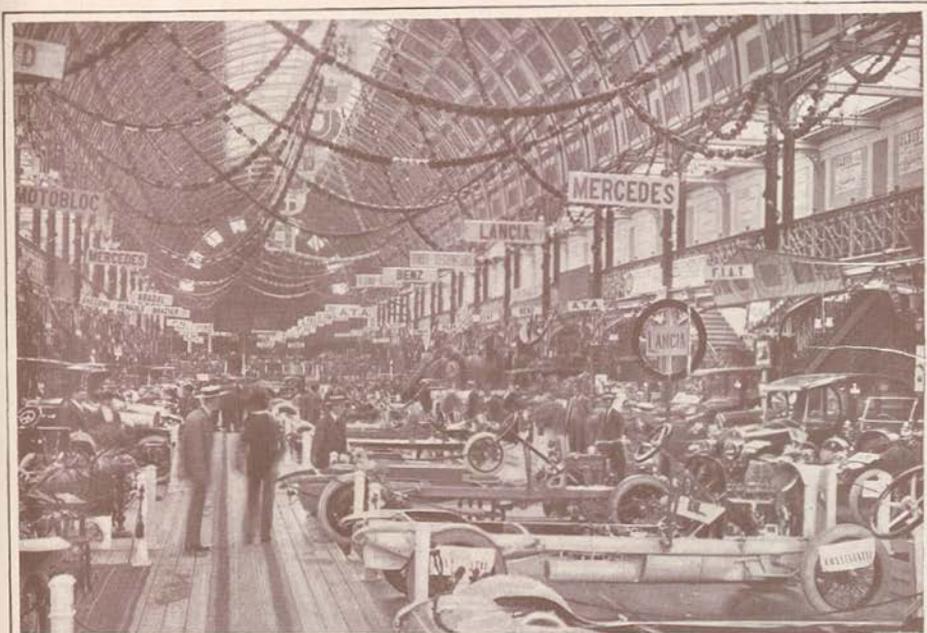
Uma estrela, ao alto, estremecia, vibrava inquietamente, como no interesse de esvoaçar, de imigrar, pequenina e viva, dentre as estrelas todas do firmamento!

—Vamos, «Migalhas!»... Está quietinho meu filho!...

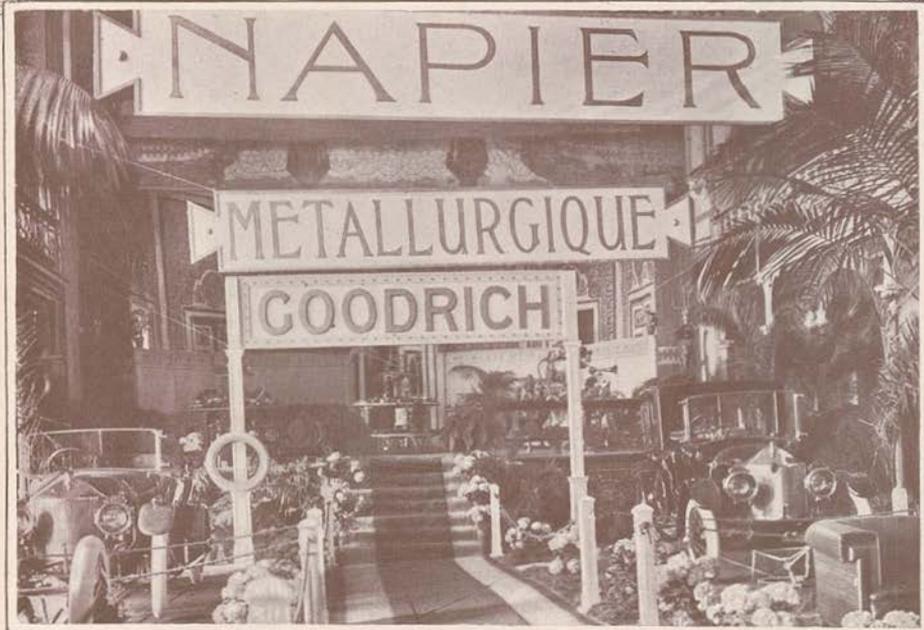
ALFREDO GUIMARÃES.



Exposição automobilista, no Porto



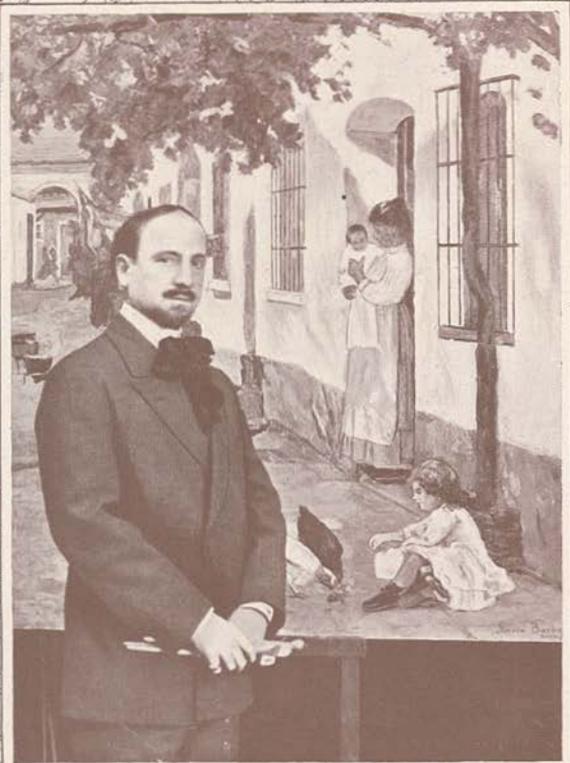
Aspêto geral da exposição automobilista no Palácio Cristal, do Porto



As instalações da firma Ruggeroni Castanheira Limitada, na exposição automobilista.—(Clifhês de Benoliel)

No "Salon de Paris"

DOIS QUADROS DE BRAZILEIROS



O artista sr. Mario Barbosa junto ao seu quadro
«Cour ensoleillée à Sevilha».

lho e mais nos prende o olhar ao observa-lo.

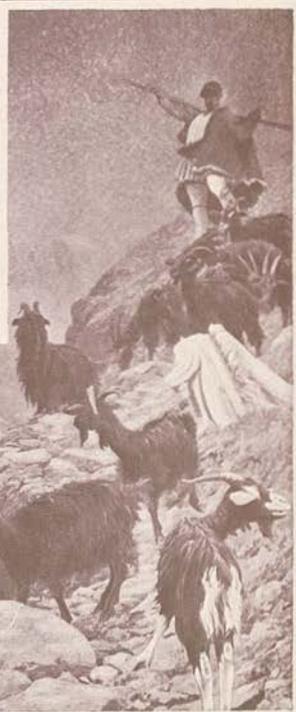
O sr. Mario Barbosa trouxe-nos de Sevilha a reprodução bem característica, bem interessante d'um pateo cheio de sol, d'esse belo sol ibérico de que os parisienses tem a ideia tão imperfeita que o seu clima quasi sombrio lhes permite. Na sua «Cour ensoleillée» o sr. Mario Barbosa consegue dar-nos uma impressão muito completa do meio e da hora, d'esse meio pouco escolhido pelos pintores do norte, d'essa hora tão avessa ás predileções dos numerosos fazedores de «pôr-do-sol». E' porque o arranjo das figuras é equilibrado, é harmonico e o motivo bem escolhido, o efeito resulta feliz. O quadro do sr. Mario Barbosa atrae as atenções dos visitantes da exposição.

Paris.

RUI DE CHAVES.

Aos quadros de artistas portugueses e brasileiros expostos este ano no «Salon de Paris» e a que sucessivamente nos temos referido ha a juntar ainda dois, diferentes no genero mas ambos dignos de menção pelas qualidades que revelam os seus autores.

«Sur le Parnasse», do sr. Simões da Fonseca, destinado ao museu d'Athenas, é uma obra notavel pela composição ampla, ousada, original que uma tecnica perfeita realça e valorisa. Pena é que os leitores da «Ilustração Portuguesa» não possam por uma simples fotografia avaliar inteiramente o merito d'esse trabalho. Ela nada lhes diz sobre o colorido, o efeito de luz, tudo o que mais anima esse traba-



«Sur le Parnasse»
Quadro de Simões da Fonseca

TEATROS



Maria Stellina.

Companhia de opera-comica «Caramba», no Coliseu dos Recreios

Não ha duvida de que a companhia de opereta e opera-comica que atualmente trabalha no Coliseu dos Recreios é excelente. E' um encanto ver a certeza, a fantasia, a cor, o movimento que as representações d'es-

sa companhia imprimem ás futilidades musicaes dos repertorios austriaco e italiano, que só assim, com graciosidade e ligeireza, conseguem ser alguma coisa de teatralmente interessante e, por vezes, bello. Sobretudo, alguma coisa de alegre. A opereta d'hoje pôde talvez dispensar a graça, no sentido burlesco que d'antes a caracterisava, pôde mesmo dispensar a originalidade ou intensidade dos entrecchos, cheios de imaginação, d'outr'ora, — mas não pôde prescindir do pitoresco e da alegria, de mocidade e de frescura.

O que ai está agora no Coliseu dos Recreios é um rancho vivo, azougado, de raparigas frescas como flores, ou que, pelo menos, sabem parecel-o; um bando de creaturas que cantam, dançam, riem, sem o ar ou a fadiga d'uma tarefa — mas com a espontaneidade d'um prazer. As operetas deixam de ser alguns dos pastelões liricos do nosso conhecimento e tomam aspetos surpreendentes de volutuosidade, de elegancia, de rapidez, que entretem os olhos e os sentidos, sem dar tempo a que o espirito se cance na banalidade d'aqueles rodopios de valsa e d'idillio.

Ha na companhia uma figura, italiana a valer, desde os olhos até ao sangue, que é uma atriz — a signora Ivanisi. E' o rouxinol. Mas, ao lado d'este rouxinol, um pardalito vivo saltita, corre, baila, esvoaça, com uma graciosidade que é uma sedução. E' a signora Stefi Csillag. E sempre que, em cena o pardalito agita as azas, n'um fremito — na sala, n'aquella imensidade branco e ouro do Coliseu, parece que um raio de sol canta e ri.

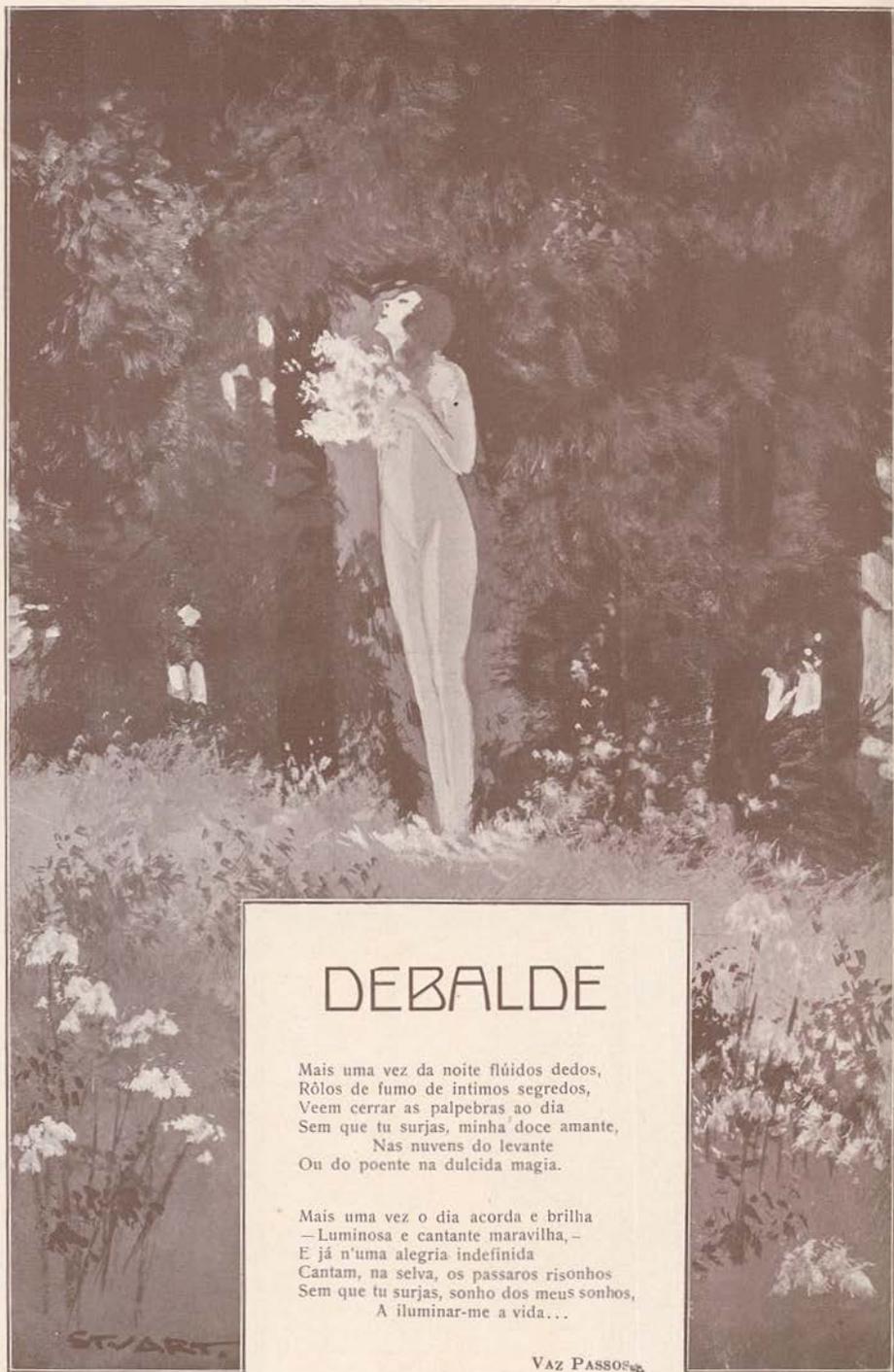
A. de G.



Carla Genami



Maria Ivanisi



DEBALDE

Mais uma vez da noite flúidos dedos,
Rôlos de fumo de íntimos segredos,
Veem cerrar as palpebras ao dia
Sem que tu surjas, minha doce amante,
 Nas nuvens do levante
Ou do poente na dulcida magia.

Mais uma vez o dia acorda e brilha
— Luminosa e cantante maravilha, —
E já n'uma alegria indefinida
Cantam, na selva, os passaros risinhos
Sem que tu surjas, sonho dos meus sonhos,
 A iluminar-me a vida...

VAZ PASSOS^{es}

A festa d'arte em casa do senador sr. dr. José de Padua



Senador sr. dr. José de Padua

po dos Martires da Patria. Constou essa bela festa, seguimento d'outras tambem brilhantissimas e verdadeiros mimos de arte, d'um concerto dirigido pelo sr. dr. Padua, que é, como todos sabem, um devotado cultor da musica, a pai d'um compositor já apreciado pelo nosso publico.

O programa, cuidadosamente elaborado, continha, na primeira parte, composições de Saint-Saens, em que foram solistas os violinistas srs. Pavia de Magalhães e Cezar Leiria, o violoncelista sr. João Passos, o flautista sr. José H. dos Santos, o clarinete sr. Severo da Silva, e a harpista sr.^a D. Lolita Verduyze, «élite» que foi brilhantemente coadjuvada pelos outros executantes, em numero de 45.

A 2.^a parte foi toda consagrada a musica popular portugueza; fados dedilhados pelo sr. Al-

Deliciosa e d'um encanto incedivel a ultima festa que a sr.^a D. Palmira d'Araujo Padua e seu esposo o sr. dr. José de Padua, proporcionaram aos seus convidados, e que se realizou na sua esplendida vivenda no Cam-



A sr.^a D. Palmira Madalena d'Araujo Padua



1. No primeiro plano sr. Guilherme Ribeiro, ensaiador dos côros e em pé no segundo as (1 e 2) sr.^{as} D. Leopoldina Cordeiro e D. Irène d'Almeida. (5 e 6) D. Adelaide de Vitoria Pereira e D. Maria Amélia Cid. (10 e 11) D. Alice Pereira e D. Ermelinda Cordeiro

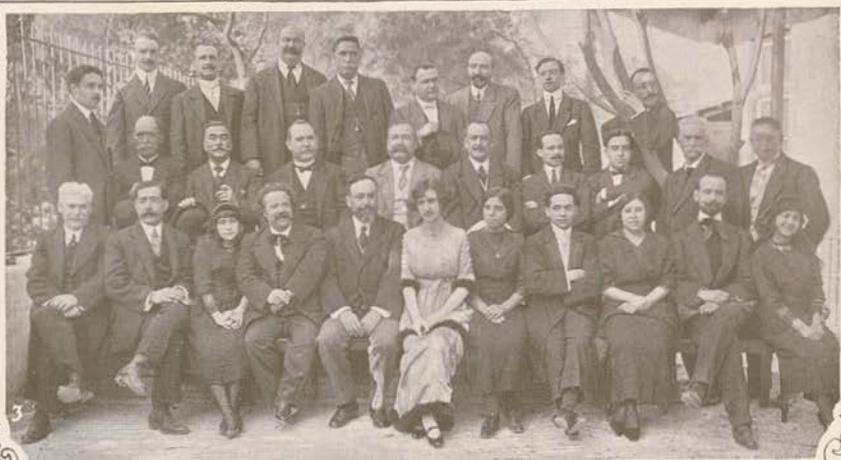
berto Lima, guitarra, acompanhado pelo sr. Franckel Canedo, viola, e cantados pelas sr.^{as} D.



2. Primeiro plano: srs. C. Letria, dr. José de Padua, sr.^a D. Lolita Verduysse, e sr. João Passos. Segundo plano: srs. Severo da Silva, Pavla de Magalhães e José H. dos Santos

Ermelinda Cordeiro e D. Alice Pereira.

Seguiu-se-lhe a desgrada da «Serrana», de A. Keil, pela sr.^a D. Adelaide V. Pereira, A. J.



Grupo d'alguns executantes.



Sr.^{as} D. Irene d'Almeida, D. Ema Romero Santos Fonseca, D. Matilde Lebre, D. Maria Eugénia M. d'Almeida.
Srs. Damasceno Pereira, Carlos Fradique, José de Padua Junior e Pacheco Simões.

Pereira e côros ensaiados pelo professor sr. Guilherme Ribeiro.

Dançaram depois o «Vira», acompanhado pelo orfeon, as sr.^{as} D. Matilde Lèbre, D. Irene d'Almeida, D.

Ema Santos Fonseca e D. Maria Eugénia d'Almeida, que tiveram como pares os srs. Carlos Fradique, Damasceno Pereira, Pacheco Simões e José de Padua Junior. A orquestra, no final da 1.^a parte, tocou, a pe-

dido instante de amigos do sr. dr. Padua, uma sua mimosa composição, «Efemera», que a assistencia coroou com os mais fervorosos aplausos.

Foi uma verdadeira festa d'arte, realçada pelos requintados primores de gentileza com que o sr. dr. José de Padua e sua esposa receberam os que tiveram a dita de a ela assistir.



A sala de jantar em casa do senador sr. dr. José de Padua.

A praia da Polana



1

Emquanto vós ahí em Portugal ainda tiristae com frio e vos apinhaes em volta do fogão para aquecer os pés, nós, n'esta torrida Africa, n'esta deliciosa cidade de Lourenço Marques, corremos para o comboio que nos leva á praia da Polana em cinco minutos, e vamos ali regalar-nos com um excelente banho nas aguas cristalinas que nos acariciam com as suas vagas amenas e amorosas! Seja de manhã ou de tarde, a praia está cheia de gente; as «toilettes» das senhoras e creanças de côres varias, e os fatos brancos dos homens, dão um magnifico aspe-

to a toda aquela extensa praia de avermelhada e fina areia onde o sol põe reflexos d'ouro.

Os banhistas deixam-se embalar pelos doces movimentos das vagas, boiando á tona d'agua ou nadando. Senhoras portuguezas poucas são as que ali vão tomar banho, não porque as nossas neigas compatriotas receiem molhar os pequenos pés, mas porque, crêmos, se envergonham de mostrarse em fato de banho.

Senhoras irglezas, muitas, saltando e brincando dentro da agua, liberalmente, não para molharem os pés mas



2. Efeitos de luz na bahia.



Vista parcial da praia vendo-se a rede all colocada por causa dos tubarões.

sim porque as louras «misses» gostam de mostrar-se com os seus trajes de banho!...

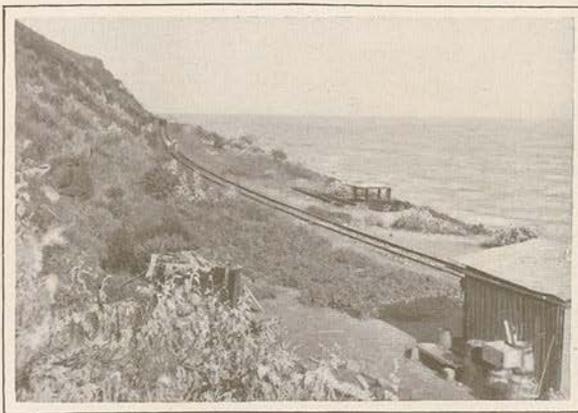
Os homens, esses, de qualquer nacionalidade, sobem para a alta prancha que está ao centro do grande cercado d'arame,—por causa dos tubarões—e saltam mergulhando n'um fundo de 4 a 6 metros d'agua para surgirem mais além, nadando. Jack Melvile, assiste tambem assentado n'uma cadeira, tomando chá, fazendo gestos, cumprimentando os freguezes do seu patrão sr. Brossoni, proprietario do restaurant da praia e acendendo com fosforos os cigarros d'aqueles que lhe pedem lume. É um macaco interessante como Moritz e que custou mil escudos ao seu proprietario.—

Na ponte ha pescadores que tem a doida paciencia de estar ali muitas horas consecutivas de cana na mão, esperando que o peixe lhe vá morder o isco e... se prenda no anzol.

A tarde aproxima-se. O sol pondo uns dardeiros raios de luz no farol da Inhaca, anuncia a noite e desaparece por detraz da grande

rampa onde assenta a estrada de curvas graciosas, toda feita de asfalto e marginada de arbustos e rosas naturaes. Os banhistas correm para as barracas; a ingreme estrada enche-se de gente.

O jantar chama o banhistas e «mirones» para casa. O comboio põe-se em marcha e pouco a pouco a praia fica quasi só, não se ouvindo já as gargalhadas argentinas das creanças, mas sómente o marulhar das vagas e o praguejar d'um pescador infeliz que em toda a tarde só apanhou um esqualido carapuça. Jack Melvile, acaba de saborear mais uma chavenha de chá com bolos. Até á manhã do dia seguinte os banhistas descancam para depois



Um trecho do ramal da Polana («Clíchés» do sr. Adellino d'Abrunhosa).

voltarem a tomar um banho matutino, consolador e benéfico, nas cristalinas aguas que os acariciam com as suas vagas amenas e amorosas.

Lourenço Marques.

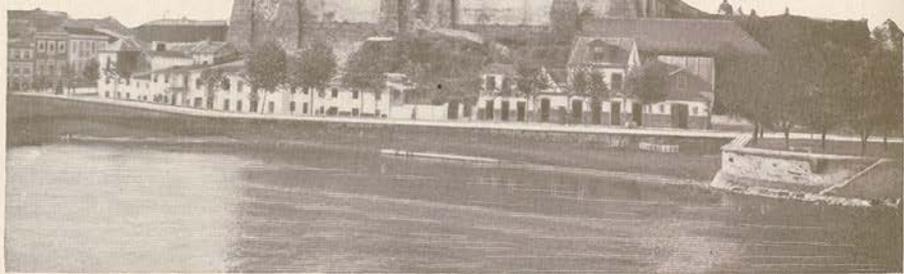
ADELINO D'ABRUNHOSA

VILA DO CONDE

Vila do Conde tem a dominal a o convento de Santa Clara, casa de religiosas, linda e bem edificada, na qual está instalada hoje a Casa de Correção.

Pertenceu a vila a essa linda viuva, D. Maria Paes Ribeiro, a

mosteiro foi-se desenvolvendo largamente a povoação tirando recursos dos terrenos que as freiras doavam ou alugavam, foram-se ali estabelecendo famílias sobretudo pescadores que n'aquelas margens iam erguendo casas e capelas,

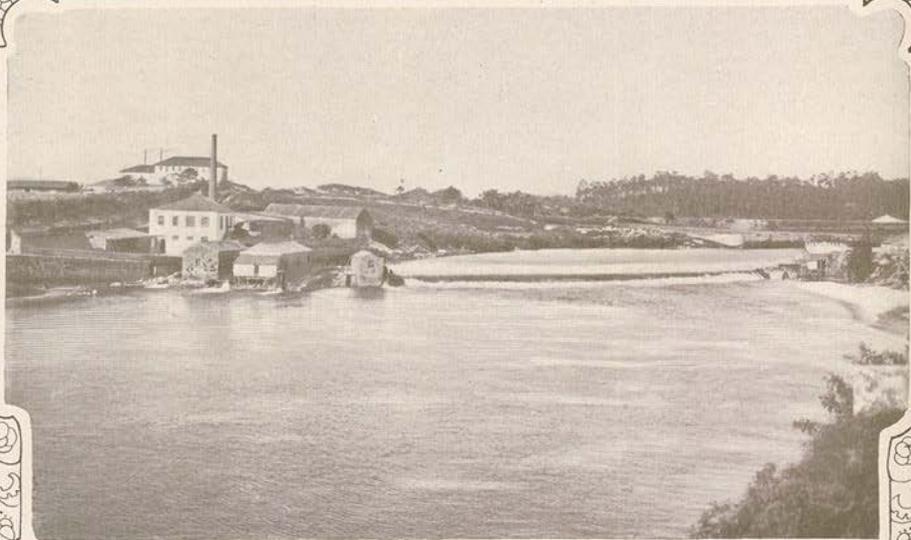


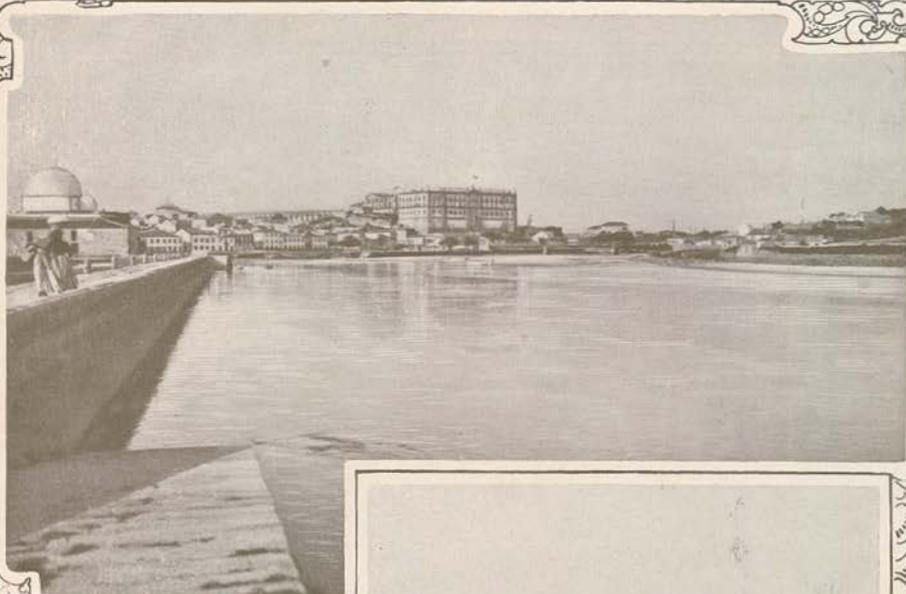
Convento de Santa Clara hoje Casa de Correção

«Ribeirinha» aquela amante de D. Sancho que anda na historia e na lenda como uma das mais encantadoras perversas d'outros seculos. Por mão de sua sobrinha, casada com um bastardo de D. Diniz, Afonso Sanches, cujo tumulo ainda existe no convento foi doada a vila ás religiosas de Santa Clara que ficaram sendo as senhoras donatarias do burgo encantador das margens do Ave. Em volta do

fabricando as salinas e construindo as torres para a defesa da barra do rio que os piratas procuravam bastas vezes atacar.

Em dia de Santa Clara, que é a 12 d'agosto, entrou ali um d'esses barcos que tempo antes levara dois dos naturaes da vila, mas n'aquela data ficou encaihado sendo apreendido e dada a liberdade aos cativos conforme se via n'um painel ha anos





Vista geral de Vila do Conde

existente n'aquela igreja. Pitoresca a vila velha com o seu convento, a sua igreja matriz, o seu aqueduto não é menos linda a nova com as suas avenidas, como a de Julio Graça, no bairro balnear, com as suas praças ajardinadas como a de Vasco da Gama e o seu parque encantador onde as formosas banhistas passeiam. Na praça de S. João, junto á qual corre a estrada que vae do Porto a Valença, está o mercado.

Depois encontram-se o teatro, os clubs, as estações do caminho de ferro e do correio, as fabricas de fiação e sobretudo os estabelecimentos onde se revendem as lindissimas rendas que se fabricam na vila, rivaes das de Peniche.

A vila, vista da margem esquerda do Ave, oferece um panorama grandioso, principalmente do Monte de Sant'Ana, dando uma impressão muito agradável aos forasteiros.

A igreja matriz de Vila do Conde é um dos mais belos especimens manuelinos existentes no paiz, sendo considerada monumento nacional tendo sido ultimamente restaurada com um grande criterio artistico, sobretudo na parte dos vitraes que decoram as janelas formosissimas d'esse lindo templo que todos os visitantes da terra ribeirinha do Ave não deixam de apreciar devidamente.



Fazendo mela

(«Clichés» do sr. Chaim Junior, do Porto).



O sr. dr. Sobral Cid, Ilustre ministro da instrução, no seu gabinete do ministerio. Tem sido inumeras as cartas de apiauso e reconhecimento enviadas pelo professorado primario de todo o paiz ao sr. dr. Cid, exaltando o bello pro eto da reforma de ensino por ele apresentado no parlamento e que constitue um documento irrefragavel do seu talento, do seu alto criterio pedagogico e do seu profundo amor a causa da instrução popular.

Uma caçada na Índia



Têmos na Índia matas tão férteis em veados e javalis que ultimamente o sr. José Arez, secretario do concelho de Sanguem promoveu algumas battidas de caça, tomando n'ellas parte alguns estrangeiros e o chefe da circunscrição distrital de Molem sr.

Francisco Duarte com as suas praças, conseguindo caçar algumas boas preses

Os caçadores, que eram aqueles «sportmen» e as praças d'aquella circunscrição, tomavam as portas quando os indigenas passavam a bater o mato. E é quando começa a ouvir-se a algazarra, ainda longinqua, d'aqueles batedores que os caçadores



Depois das battidas: dois belos exemplares.

começam a sentir a verdadeira sensação agradável pelo mais leve ruido que sintam nas proximidades da sua porta. E', pela certa, um veado, um gamo ou um javali e outras vezes em que o caçador tão descorçoado fica, uma perdiz ou faisão.

Estes passam na santa paz porque aqueles caçadores só procuram peças grandes de caça, desdenhando as aves por mais saborosas e belas, procurando apenas trofeus condignos dos trabalhos e canceiras que dão essas caçadas realizadas nas poeticas terras da nossa Índia tão cheias de legenda e de encanto.



Um veado morto pelos batedores alguns dos quaes o contemplam.

OS PROCESSOS D'ARTE NA FOTOGRAFIA

Vae fechar brevemente a exposição que os srs. Visconde de Sacavem (José) e Pedro Lima organisaram na Sociedade Portugueza de Fotografia, na Rua das Chagas.

Os trabalhos expostos, em avultado



porque os trabalhos expostos podem sem contestação sofrer um apurado confronto com o dos melhores mestres estrangeiros.

E' necessario realmente um grande estudo, uma enorme energia, para que,



Sr. Visconde de Sacavem (José)

numero vieram-nos trazer verdadeiras surpresas; não era uma exposição de fotografias que iamós ver, eram com efeito, pequeninos quadros onde brilhavam temperamentos.

Forçosamente a impressão sentida ao entrar na sala é agradável; colgaduras de seda, pendem das paredes, panos esplendidos de Arraiolos dão uma nota extremamente portugueza áquella exposição de portuguezes. E queremos precisamente frisar este facto,



«Napolitana», P. Lima.



Sr. P. Lima

unicamente pelos proprios meios, sem outro auxilio exterior que não seja a comparação de gravuras reproduzindo este genero de trabalhos, se consiga a modificação, ou antes, a revolução completa da fotografia.

E' curioso notar como a intervenção pessoal se manifesta, e como a propria prova toma ora aspeto austero de uma agua forte ora aspeto gracioso de sempre artisticos os resulta-



Lavadelras no Leca, P. Lima.

dos. Ha ali decerto, cousas imperfeitas, quadrinhos que a rapida organisação d'este certamen não deixou substituir mas a maior parte são, na verdade, belos.

Acompanham este artigo, algumas gravuras, reproduções de varios trabalhos expostos, e só lamentamos que a falta de tempo material nos te-

tornaram celebres nos processos pigmentares e que são por assim dizer considerados os mestres: Desmacy e Puyo.

Mas a beleza dos trabalhos vale bem a pena que se arrote com as dificuldades e já lá fóra despontam outros nomes que, sem duvida vão ascendendo para um logar primacial. Em Italia são



«Mascara» Visconde de Sacavem (José).



«Estudo» P. Lima

na inibido de publicar os melhores. Entre estes, figuram um esplendido «Forte da Figueira da Foz», do sr. Visconde de Sacavem e ainda alguns retratos de «mademoiselle-Maria Santos, de Bordalo Pinheiro, etc.

A parte a cabeça de «Napolitana», que reproduzimos do sr. Pedro Lima, merece especial menção um «Estudo» em sanguinha de uma riqueza grande de côr, um retrato de Augusto Rosa a negro e varias paisagens.

Os processos empregados por aqueles srs. são, principalmente, o oleo e a goma bicromatada.

No oleo, foi o sr. Visconde de Sacavem um dos primeiros que se evidenciou, foi ele mesmo o primeiro que conseguiu o «transfert» com resultado feliz, sem empastamentos.

Da goma bicromatada, o processo mais difficil da fotografia, tirou o sr. Lima tudo quanto ella podia dar. E é realmente um processo tão difficil, que, na ultima exposição do Photo-Club de

França, apenas dois expositores levaram gomas, e justamente estes foram dois homens que se

atualmente nomes de destaque n'estes trabalhos Vanny, Bosella, Bonaventura e Namias. Na Alemanha Deihrkoop e Perscheid e na Inglaterra Rowbrios.

Foi Poitevin, em 1855 que pela primeira vez pigmentou uma prova a oleo; comtudo, só em 1904 Rawlino, depois de profundamente ter estudado o processo, o aperfeicou e lhe deu emfim um incremento extraordinario e tão grande que hoje, no estrangeiro, as fotografias mais cotadas exploram com exito seguro este genero de trabalhos, que, como a goma bicromatada tanto se prestam a produzir uma obra d'arte, e se ele não é mais procurado é, porque, a incerteza e a difficuldade da sua produção é de tal ordem que o seu preço o torna inacessivel. Uma fotografia d'este genero é como um quadro e como tal se paga.

Isto não impede comtudo que ellas não sejam procuradas, e a prova está em que com estes processos, pequenos fotografos ganham largamente a vida, e chegam a adquirir fortunas, quando a estes traba-



«Estudo» P. Lima.



«Uma rua d'Obidos»,
visconde Sacavem (José).

lhos preside uma certa intuição artistica.

Porque é necessario que se esteja educado para receber ou antes sentir a forma nova d'esta arte.

Ela representa uma escola a que a maioria do publico não está habituada; é uma cousa forte que impressiona. Deixa de existir aquele detalhe revoltante e inutil da banalissima fotografia. As imagens fundem-se n'uma penumbra doce, os corpos tomam volume, saltam de fundo; teem emfim atmosfera.

E' por isso que estes trabalhos são destinados a um publico especial, e a uma «élite» de artistas para quem a arte não tenha segredos.

Entre nós, poucos teem cultivado estes trabalhos, e raros são os que se teem distinguido. Lembra-nos do dr. Teffé, antigo ministro do Brazil, como um dos amadores que alguma cousa fiseram e tentaram n'este campo.

Pená é que entre nós sejam tão pouco solidarios os amadores de fotografia. Da reunião de muitos, vinha certamente o aperfeiçoamento d'esta bela arte, e d'ahi, no nosso paiz a sua applicação para a industria, porque, nada se prestava melhor para a illustração economica dos livros, hors-texte, figurinos, menus, reclamos, em-

fim, cousas para as quaes a arte é naturalmente chamada.

Lembramos justamente um facto interessante sobre este assunto: foi a exposição em Cintra de gomas ilustrando quadros encantadores do Conde de Sabugosa.

Isto vem provar-nos que a fotografia vae entrar n'um campo novo, e que de futuro um bom retrato só terá valor quando á imagem automatica que os aparelhos dão, se reunam as qualidades de perfeição e arte que distinguem estes trabalhos.

E tanto isto é verdade que hoje estão-se servindo lá fóra d'estes processos de fotografia para illustrar livros, reunindo assim, por uma só fórma, a precisão incomparavel da fotografia e o genio artistico.

Alguns d'esses livros são já conhecidos entre nós, adquiridos por verdadeiros cultores da arte, a quem temos ouvido preconisar com grande calor a necessidade de acompanharmos tão brilhante revolução nos processos fotograficos.



«Paisagens em Torres Novas»,
P. Lima



«Um velho»
Visconde de Sacavem (José).

A TOURADA NO CAMPO PEQUENO



Um dos touros saltando a trincheira.

A empresa Segurado & Lopes tem dado bellissimos espetáculos tauromaquicos no Campo Pequeno por cujo redondel passam os nossos melhores artistas arrancando aplausos.



2. O espada Pacomio colocando um par a cambio. 3. Um aspéto da assisténcia.



O spada Celita dando a farpa ao cavaleiro Manuel Casimiro.

contribuido para as belezas da lide. Os curros são sempre excelentes, tendo mesmo um d'elles merecido os entusiasticos louvores dos espectadores, que chamaram á praça o lavrador proprietario dos bichos, sr. Nuncio. N'esta conformidade as corridas no Campo Pequeno constituem verdadeiros sucessos e a ultimamente ali realisada, com verdadeiro brilho, pôde considerar-se das melhores entre tantas que não desmerecem do titulo de esplendidas.

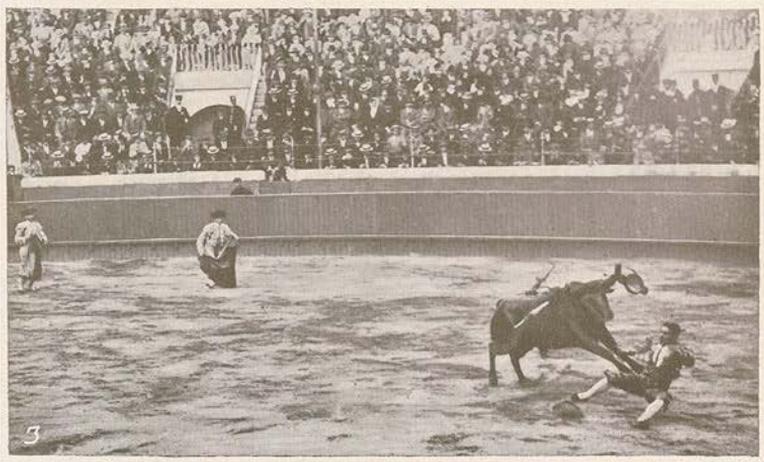
Além dos cavaleiros Casimiro, que, como sempre, constituiram um atrativo, havia o trabalho, que foi «lucido», dos espadas Pacomio Peribañez e Alfonso Celita, a quem não se re-

gatearam aplausos, aparecendo tambem artistas portuguezes de alto valor que receberam do publico as palmas merecidas pelos seus trabalhos na lide, destacando-se entre estes Gonçalves, Cadete, Torres Branco, Luciano, Ribeiro Tomé, Nascimento e Manuel dos Santos que reappareceu n'esta praça.

Tambem assistiram á tourada os representantes da Camara Municipal a quem ella era dedicada visto ser feita em homenagem ao dia escolhido para feriado pela cidade de Lisboa.



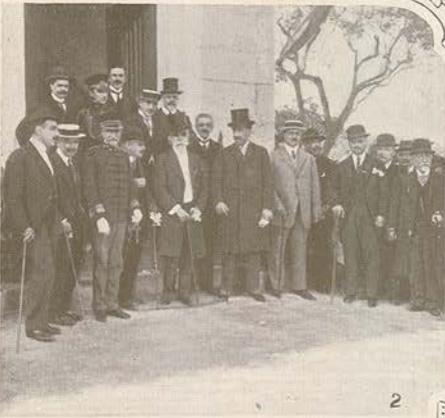
As cortezias.



Celita no momento de ser colhido sem consequencias.

(«Clchês» de Benollel)

Figuras e Factos



Inauguração das instalações do 2.º edificio da Albergaria da Infancia na Luz. — 1. Um aspeto da festa. — 2. Um grupo de convidados vendo-se entre eles os srs. presidente do ministerio, ministro da guerra e o governador civil.

A Albergaria da Infancia é uma instituição onde se recolhem os pequenitos pobres até que haja vagas nos diversos estabelecimentos de caridade, salvando-se assim das tentações e dos

horrores da rua. A Albergaria acaba d'inaugurar a sua segunda casa que constitue uma obra verdadeiramente digna.



Em Cuba: 3. Sr. D. José Manuel Baraona. — 4. Depois da distribuição de vestidos a cincoenta creancinhas feita pelo sr. D. José Manuel Baraona, filho do sr. conde da Esperança, e sua esposa a sr.ª D. Maria Tereza Baraona a quem os povos da região muito devem.

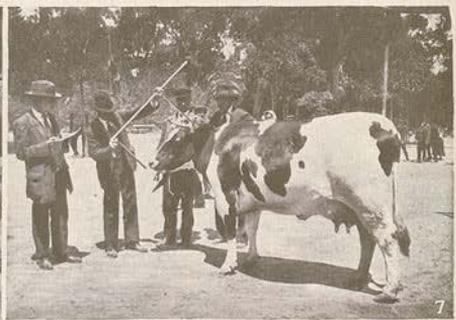
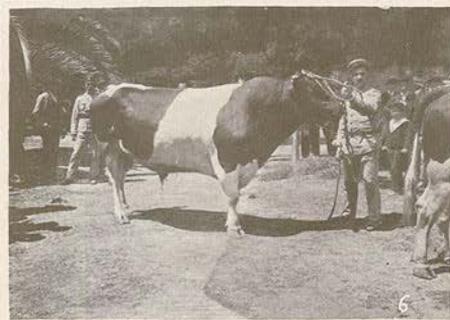
FIGURAS E FACTOS



1. Sr. José Augusto Roubaud, socio da firma Santos Matos & C.^a falecido em Queluz. 2. Dr. A. E. Souza Godinho Julz de direito falecido em Braga. 3. Os novos recrutas da armada na revista passada pelo major general antes de serem distribuidos pelos navios.



4. As creanças das cantinas que, vestindo a rigor os trajos característicos das provincias, entoaram canções populares na festa do Jardim da Estrela. 5. Uma minhota d'Arcachon, menina Violeta d'Alcantara Carreira.

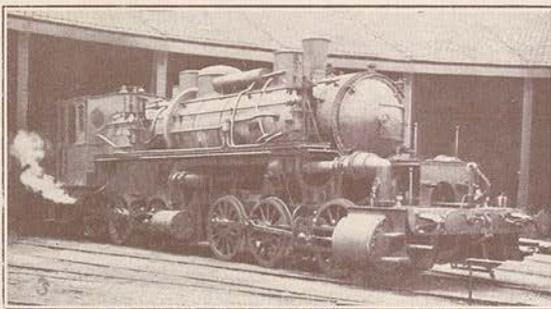


6. No 6.^o concurso de rezes bovinas no Campo Grande: Touro holandez, 1.^o premio, exemplar pertencente ao sr. Castanheira de Moura. 7. A vaca holandesa que obteve o 1.^o premio, exemplar pertencente ao sr. Vicente Canas.
(Clichés de Benolleit)



Fridtjof Nansen. — Nansen é o grande explorador norueguez que tem avançado até ás regiões polares a bordo dos seus barcos magníficos fazendotrabalhos científicos d'um alto valor e que lhe deram uma reputação mundial. O ilustre explorador Fridtjof Nansen, esteve no Tejo a bordo do seu navio «Armaner Hauser» acompanhado pelo dr. Heland Hansen devendo fazer sondagens nas costas de Portugal e nos Açores que certamente devem dar os mais belos resultados.

O governo mandou cumprimentar o ilustre homem de ciencia e concedendo-lhe todas as facilidades para o bom cumprimento da sua missão e do mesmo modo a Sociedade de Geo-



grafia lhe franqueou as suas salas que Nansen visitou.

A nova locomotiva. — Nas oficinas de Santa Apolonia construiu-se uma bela locomotiva que demonstra a pericia e o trabalho magnifico dos operarios nacionaes. Na sua viagem d'experiencia de Lisboa á Povoia provou-se as excellentes qualidades de resistencia e velocidade da maquina que recebeu o numero 501 e honra não só os operarios que a construíram mas tambem quem brilhantemente presidiu a esses trabalhos.



Armando Cortesão. — Osr. Armando Cortesão é um distinto agronomo que vae em viagem d'estudo á India devendo ir depois organizar varios serviços a S. Tomé.

1. O navio «Armaner Hauser». — 2. O grande explorador norueguez Nansen tendo á sua esquerda o sr. dr. Heland Hansen e á direita o capitão do «Armaner Hauser». — 3. A nova locomotiva fabricada nas oficinas de Santa Apolonia. — 4. O embarque do distinto «sportman» Armando Cortesão que vae á India estudar, partindo depois a montar os serviços agronomicos em S. Tomé. — («Gilchês» Benoliel).



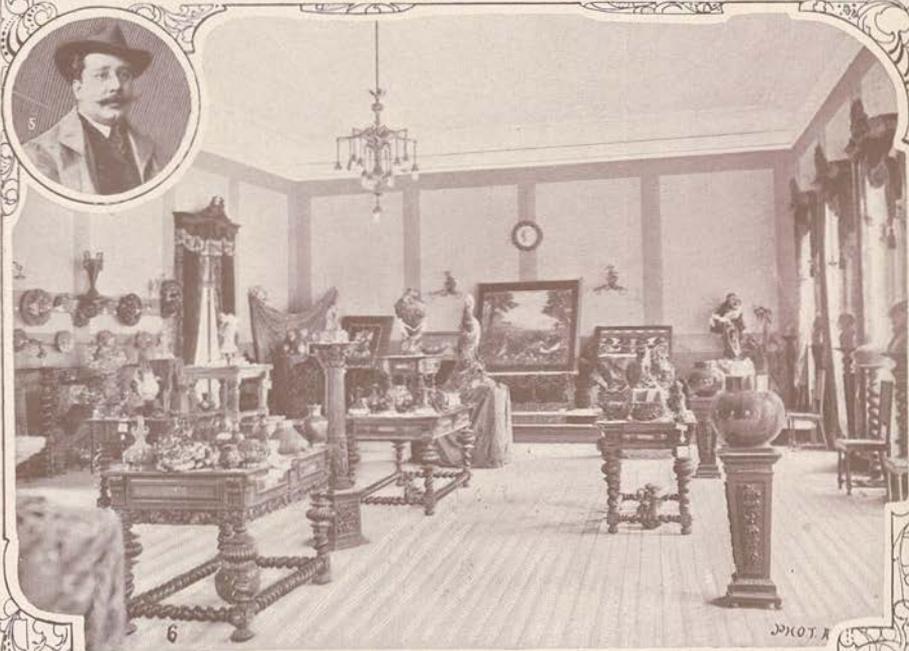
1. Etelvina Serra no «Sonho de Valsa».—2 Etelvina Serra na «Viuva Alegre».—3. Etelvina Serra no «Amor de Zingaros». — (Clíchês Vasques)

Etelvina Serra.—A gentilíssima atriz Etelvina Serra, cuja carreira tem sido das mais belas, realisa no dia 24 do corrente a sua festa artística no teatro Avenida devendo ali concorrer os seus admiradores e apreciadores do seu trabalho.

Taça do Jockey Club do Rio de Janeiro.—Foi encarregada a acreditada casa Leitão de Lisboa, do trabalho da magnífica taça que o «Jockey Club Brasileiro» mandou fazer e que é destinada a premio d'uma corrida de cavalos em Buenos-Aires.



A taça do premio do «Jockey Club» o Rio de Janeiro, trabalho da ourivesaria Leitão.



Braga: Aspeto da exposição de falanca das Caldas da Rainha, inaugurada pelo distinto artista M. Gustavo Bordaio Pinheiro, o continuador da brilhante obra de seu pae; no dia 25 de maio, no Salão da Associação Commercial de Braga.—(Clíchê) da Fotografia Alliança, Braga)—No medalhão o distinto artista Manuel Gustavo Bordaio Pinheiro.

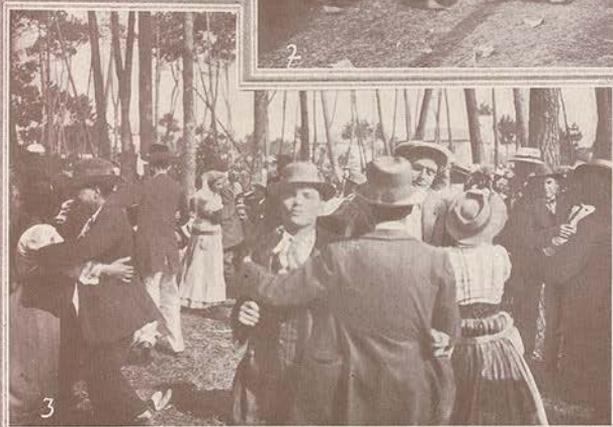
A romaria do Senhor da Pedra

Pombita branca esvoaçando á beira-mar, sobre a rocha escalvada, batida pelos ventos e beijada pelas vagas, a capela do Senhor da Pedra para ali fica todo o ano, triste e solitaria, n'um esquecimento melancolico do mundo, a sua cupula quasi sobrepondo-se ás altas franças dos pinheiros que do largo a espreitam, vendo-a erguer-se quasi até ás nuvens; n'uma suave ascensão para o espaço ilimitado e tranquilo.

Sem historia conhecida, vivendo n'uma aureola de lenda, o ermitério do Senhor da Pedra foi, n'aquela descampado, ha muito construido pela devoção dos que ao traiçoeiro oceano tinham de confiar as suas vidas ou em resul-

tado do voto de alguém que, em hora de perigo, teve de recorrer ao auxilio tantas vezes esquivo mas sempre consolador da Providencia.

Dizem alguns que a capela fôra ali elevada como estrela dos marceantes, especie de balisa que norteava os que ao sabor



das ondas atravessavam o mar largo, limitando a zona perigosa para as suas frageis embarcações, ao mesmo tempo que lhes lembraria a necessidade de levantarem ao alto o espirito, quando por ventura a procela ameaçadora e indomavel, sobre as suas cabeças se desatassem em furias.

Mas outros fazem correr, como mais veridica, esta lenda singela:

1. A capelinha. 2. E anda a roda... 3. Segue a dança.

Um dia, no mar largo, um grande naufragio ocorrera, despedaçando-se de encontro aos alterosos vagalhões um navio em que muitos passageiros navegavam, muitas vidas ficando sepultadas nas aguas. Resistindo á impetuosidade das ondas, um pobre naufrago começou nadando para ter-
 as, um pobre naufrago começou nadando para ter-
 ra, mas as forças pouco a pouco foram-se-lhe exgotando, e a morte apareceu-lhe, cruel e sinistra, deante dos olhos apavorados. Não voltar á sua aldeia, não tornar a vêr a mulher e os filhos, nunca mais fruir a caricia embaladora do lar... Essa visão lutuosa prepassou-lhe rapida pelo espirito, anavalhando-lhe a alma. E então, em recurso supremo, implorou a proteção de Deus, e prometeu, se escapasse do angustioso transe, fazer construir no ponto a que porventura viesse a arribar, um templo que atestasse o cubiçado milagre.

E escapou. Homem de crença e de fé, jurou que havia de cumprir a sua promessa. E depois, de terra em terra, batendo a todas as portas, clamando o extraordinario prodigio por toda a parte, o homemsinho andou esmolando mezes e anos, até que conseguiu reunir quantia sufficiente para realisar a obra prometida, em hora de aflicção e tortura infinita.

E foi assim que a alegre capelinha surgiu, airo-
 sa e branca, sobre o rochedo escarpado em que

serem do boi santo que bafejou no Presepio o Deus-Menino, e uns sinais de chaves que S. Pedro' ali um dia poisava, quando andava em peregrinação pelo mundo.

O caso é oue, todos os anos, oito dias depois do Espirito Santo, do Porto e dos seus



Um carro de romeiros a caminho da festa.

arredores, de Gaia, de Espinho, de Ovar, de Gondomar, de Bouças, da Maia, das mais longinquas povoações, ali ocorre uma quantidade enorme de romeiros, que á milagrosa imagem de Cristo, que lá se venera, vão levar as suas oferendas, em cumprimento d'alguma promessa, ou simplesmente para se divertirem, atraídos pela festividade que n'essa epoca se realisa.

Um grande arraial, animado e ruidoso, acompanha sempre esta festividade. No vasto areal, que fica entre a desprezenciosa capelinha e a linha ferrea, levanta-se grande numero de barracas para venda de vinho e petiscos, de mistura com coretos para as filarmônicas que na festa vão tomar parte. E, durante todo o dia, desde a madrugada alta ao pôr-do-sol, o povo acode ali em grupos, em magotes, em ranchos, a pé atravez das longas estradas poeirentas, ou de comboio, «char-à-bancs» quasi todos ca prichosamente enfeitados, ou mesmo em automoveis, fazendo-se acompanhar dos indispensaveis merendeiros, que depois são deliciosamente saboreados á sombra fresca dos pinheiros e carvalheiros, que



No pinheiral. As merendas.

assenta, n'um isolamento religioso, como desprendendo-se das materialidades terrenas. Sobre a rocha ha, em determinado ponto, uma pégadas que a ingenua lenda diz ainda

verdejam nas proximidades do arraial.

Mas o que esta festa oferece de mais interessante e pitoresco, são precisamente os ranchos que para a romaria seguem a



pé, sempre cantando e dançando, n'um rodopio incessante, ao som das violas, dos tambores e dos harmônicos, n'um estouvamento que chega quasi a ser alucinação. Desde o principio do ano, osromeiros do Senhor da Pedra vão-se quotizando para a organização dos diferentes grupos, cada um caprichando em apresentar-se com esmero e galhardia de fôrma a prender as atenções, escolhendo-se as cantigas mais apropriadas, havendo poetas populares que se consagram a organizar o verso e a musica para apresentar n'esse dia, como se se tratasse d'um espetáculo raro e unico. Cada grupo faz-se acompanhar de bandeiras e de grandes ramos de verdura, os rapazes levando adornados os chapéus com ramos de camarinhos e flôres, e as raparigas de pés descalços e perna nua, saia ensacada na cinta, a cabeça tambem coberta com longos chapéus de palha, aba presa á frente, copa afunilada, alguns tecidos por forma verdadeiramente engenhosa, c'om os mais caprichosos enfeites.

E depois, no arraial e até pelo caminho, improvisam-se os desafios tão usuaes no nosso povo, em que transparece a ironia mordaz e contundente ou se exteriorizam os sentimentos que preocupam a alma ingenua e candida dos rapazes e raparigas.

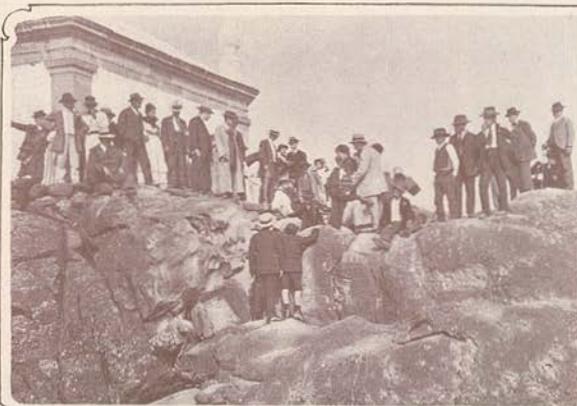
Meu rico Senhor da Pedra,
amolecel, por favor,
um peito, peito de pedra,
que realiste ao meu amor.

E va de ripostar:

Se queres vêr mole o peito,
dá-lhe agua de bem querer,
que a agua, dando na pedra,
sempre a faz amolecer.

No regresso a folia não esmorece. E nas Devezas, em Campa-

nhã, na Serra do Pilar, no Ouro, em muitos outros pontos, com a gente que vem e com a que vai, só para vêr passar osromeiros, outros pequenos arraiaes se formam, onde se dan-



1. No areal: Outro aspecto da romaria.
2. O povo admirando as pégadas do rochedo.
3. Um aspecto do arraial.

ça e canta desabaladamente, até que a noite de todos se amerceia e os obriga a voltar a casa.

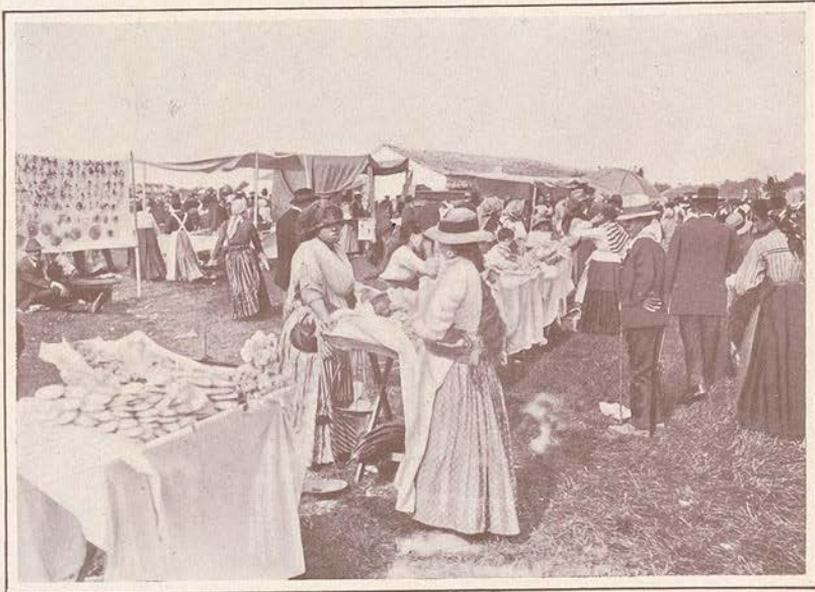
Cansados, sem duvida, mas prontos para a primeira romaria que apareça, em Rio Tinto, na Maia, em Viana, em Braga, no fim do mundo, porque este

povo dá a impressão de que a vida, para ele, é uma perene e ruidosa romaria.

.. A romaria das tristes e desgraçadas, que as magoas escondem, cantando e rindo.

Porto, 8-VI-974.

A. M.



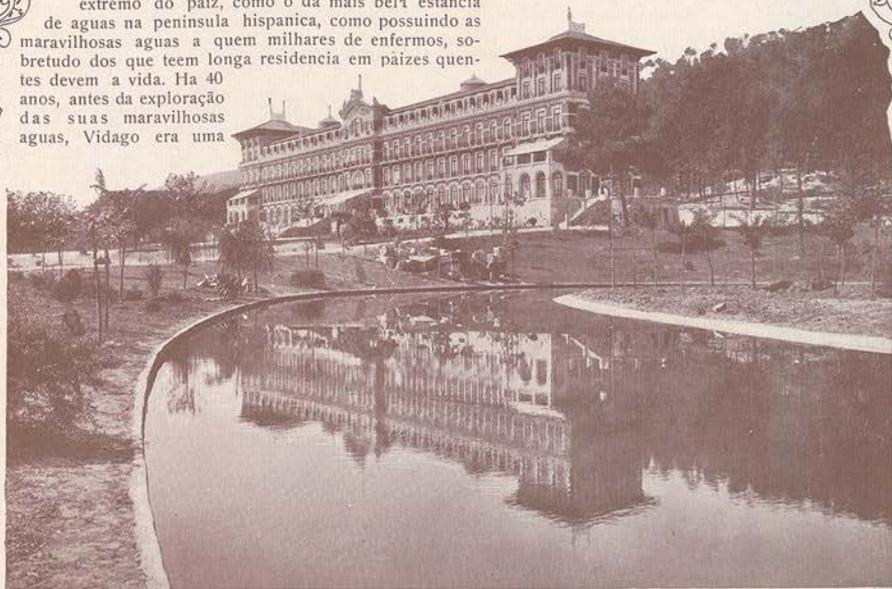
A venda de doces.



O assalto ao comboio no regresso.—(Clichés Alvaro Martins)

VIDAGO

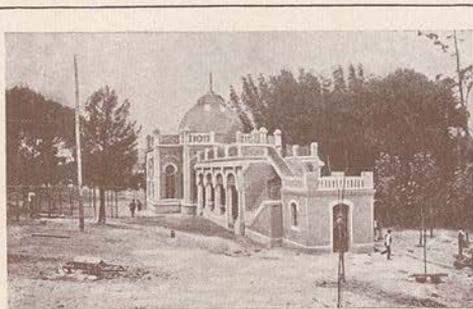
A palavra «Vidago» repete-se de um a outro extremo do paiz, como o da mais bela estancia de aguas na peninsula hispanica, como possuindo as maravilhosas aguas a quem milhares de enfermos, sobretudo dos que tem longa residencia em paizes quentes devem a vida. Ha 40 anos, antes da exploração das suas maravilhosas aguas, Vidago era uma



Vidago Palace Hotel

pequena aldeia, com o rude aspeto dos povoados do norte de Traz-os-Montes, apenas conhecido dos leitores do «Esqueleto», livro em que o imortal homem de letras, Camilo Castelo Branco, pintou com cores de verdade o que era toda esta região desde Chaves até ao Pontedo, passando por Vidago, onde uma mina fatal serviu de sepultura ao fidalgo protagonista da sua novela. Hoje graças ao arrojo da Empresa das Aguas de Vidago que ali dispendeu, desde 1908, 600 contos, e graças àquela nunca bem prevista influencia que os caminhos de ferro exerceram sobre as regiões que atravessam, modificando-lhes inteiramente a economia e arrancando ao misterio muitas riquezas até eles passadas despercebidas, Vidago é hoje uma bela estancia, que um alto espirito e professor notavel, o actual ministro da Instrução

Publica designou de «mundial». E para ali se chegar que maravilha, que natureza! Passado o vale do Douro, que, desde Porto de Rei até à Regua não receia confronto com as mais impressionantes paisagens da Suíça, passa-se á linha do Corgo, que faz lembrar uma cobra largando-se pela montanha acima, em loucos zig-zags, como querendo atingir, a capital Transmontana, lá no vertice e «vis-á-vis» do Marão, para fugir ao abismo que, lá em baixo, correndo na ravina, profunda e estreita, lhe oferece o rio Corgo. Aquela subida, da Regua a Vila Real, enche de pasmo e de admiração mesmo aqueles que estão habituados a viajar, lá fóra, nos caminhos de ferro que representam maior audacia da engenharia. De Pedras Salgadas a Vidago a linha ferrea dá a impressão de que uma vez chegado o com-



Pavilhão de Vidago

boio ao alto do Reigaz foi lançado ao fundo da montanha sem seguir aquele novelo de curvas que o levam suavemente ao Vale de Vidago.

Ali chegados, atravez do arvoredo, que já é frondoso, veem-se as elegantes construções que abrigam as fontes, as dos hotéis e das numerosas dependencias do estabelecimento. Quando nos aproximamos depara-se com o pavilhão da Fonte de Vidago, verdadeiro monumento erguido á fama mundial da agua, a raias rica da Europa como agua alcalina, pois possui 8,87-77512 de mineralisação, com quasi 7 grammas de bicarbonatos por litro, tendo ao lado outros mineralisadores de reconhecido valor terapeutico, possuindo substancias raras como o cobre, zinco, acido litânico e cesio, gazes raros como o «argou» e animada de intensa radioatividade.

O pavilhão é um encanto, a fonte é uma riqueza, da qual durante o ano, de dia ou de noite, de verão, ou de inverno, apenas se perde alguma agua de garrafa que se quebra no rolhador, tal é a sua fama, a sua procura no mercado, apesar de o caudal ter quasi duplicado depois que o notavel engenheiro de minas, sr. Freire d'Andrade dirigiu no começo do ano de 1913, a modificação na captagem feita ha 40 anos, tão sabiamente, que a caudal aumentou e a mineralisação melhorou, certamente pelo cuidado com que a «agua mineral» ficou defendida das aguas de infiltração.

Não pôde haver a pretensão de seguir a visita a outras fontes sem nos preocuparmos, desde logo, com o Vidago Palace Hotel, essa maravilha de arte, de bom gosto e luxo, sem impertinencias, incomodos, que consiste em emprezas d'esta ordem o maior arrojio que tem havido em Portugal.

Aquele gigante, como que debruçando-se sob o vale para vigiar atentamente a preciosa fonte que, por assim dizer, lhe deu a existencia, impõe-se desde logo ao visitante, como a nós aconteceu quando de frontámos aquela grandiosa fachada em que abrem cerca de 200 portaes, mas a admiração pelo arrojio da iniciativa atinge o seu maior grau, quando se transpõe o vestibulo e se depara com aquele conjunto, no qual não sabemos o que admirar mais, se o edificio com o seu luxuoso mobiliario, se aquela exploração á «européia» intelligentemente concebida, muito bem executada, onde tudo aparece sem haver necessidade de cousa alguma se pedir. Estava-se em plena epoca termal quando n'ele entrámos. Depois de havermos percorrido as salas de visitas, do medico, de escrita para senhoras, de «toilette» para senhoras, a do cabeleireiro, a de leitura, a de jogos de vasa, o salão de conversação, fomos atraídos por deliciosa musica, executada por distintos professores, para o salão de musica e de festas, onde estava reunida, em vistosas «toilettes», a população feminista em alegre convívio. D'ali fomos ao salão de jantar. Compreendemos porque o nosso amavel cicerone nos guiou em ultimo logar para ali. Deslumbrante, é o termo. Com a extensão de quasi 50 metros, á altura dos dois primeiros pavimentos, cercada de galerias,

decorada com luxuoso mobiliario e com «argenterie» no valor de bastantes dezenas de mil francos, com uma soberba instalação electrica, que faz honra á Siemens-Schuckert, não ha lá fora, em termos ou cidades, um salão de jantar que reuna tantas circunstancias a imporem-se á admiração do visitante. Foi a mais bela conceção do notavel arquiteto sr. Ventura Terra.

Entre os numerosos certificados do que vale o Vidago-Palace-Hotel, do que represente em empreendimento e em sacrificios, devemos citar o do grande comerciante e industrial sr. Francisco Grandela, cuja rasgada e inteligentissima iniciativa o impõem ao respeito de quantos veem no trabalho o mais recomendavel dos brazões. Passou em Vidago, em 1911, de uma digressão pela Galiza.

Demorou-se horas na estancia, apenas, guardando o incognito. Tal foi a impressão que recebeu, chegado a Lisboa, espontaneamente, sem que houvesse qualquer pedido e muito menos remuneração,

mandou incluir nos catalogos algumas paginas com gravuras do Vidago-Palace-Hotel, acompanhadas de palavras de rasgado elogio, escritas como de justiça e de louvor ao patriotismo de quem assim concorria para arrancar o paiz do «ramam» em que vive.

O Vidago Palace-Hotel está cercado de um parque de 30-000 hectares, uma parte do qual constituido por cerrado pinhal, outra por arvoredo decorativo, interrompido pelos arruamentos, por um lago de 9-000 metros quadrados, por edificações diversas, pelos campos de jogos, e todo ele esplendidamente iluminado a luz electrica, iluminado a que se prolonga até ao Grande Hotel de Vidago, antigo e afamado hotel, que, em quan-

to não houve o «Palace-Hotel», passou justamente por ser o melhor hotel das termas portuguezas. E' com este conjunto de aguas maravilhosas e de comodidades que Vidago é hoje uma estancia de «cura». E não surpreende ao ver-se o consumo enorme das suas aguas, o qual «excede a de todas as aguas portuguezas», de todas as classes e qualidades somadas. O das aguas das fontes de Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso foi em 1913 de cerca de 30-000 caixas. Se todas as garrafas fossem de 1/2 litro, o consumo era contado por mais de 3 milhões de garrafas. Vidago é a estancia que os medicos preferem para o seu tratamento. Ainda agora foi distribuido um folheto com mais de 100 atestados de medicos, assegurando as virtudes terapeuticas das aguas de Vidago, tão cheias de fama, tão preferidas pelos medicos e pelo publico, que a cada passo aparecem concorrentes que, de todos os pretextos se servem — região de «Vidago», perto da região de «Vidago», longe de «Vidago» ou perto de «Vidago» — para porem «Vidago» em letras salientes e procurar fazer a confusão no publico ao qual pretendem meter-lhe aguas como de «Vidago» que nem por oculo «Vidago» pode descobrir.



Um trecho do parque

PÕ
DE **ABYSSINIA**
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.
35 Anos de Bem Exito. Medalhas Ouros e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Dombasle, 6
PARIS

E BOAS PHARMACIAS

Sabonete preparado
com os saes das Aguas



de **Hizella**
o melhor para a pelle

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO *Socied. anonima respons. limitada*

Ações.....	CAPITAL:	380.000\$000
Obrigações.....		323.910\$000
Fundos de reserva e amorti- sacção.....		266.400\$000
	Reis.....	950.310\$000

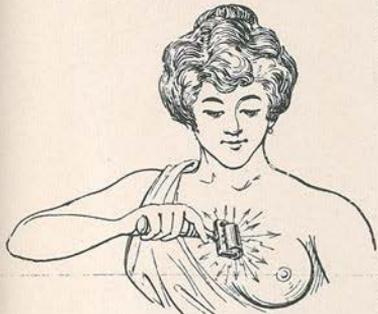
Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianalia e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Herno (Louçã), Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhes de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeccionados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e e fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS:
LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117

TRABALHOS TIPOGRAPHICOS — EM —
= TODOS OS GENEROS
OFICINAS DA
ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 43—LISBOA

O Seio
desenvolvido pela
Electricidade
NOVO METODO RACIONAL e INOFENSIVO
Sem emprego de droga de especie alguma



Nos peitos onde não existem seos, a Electricidade applicada com uma suave massagem no peito, desenvolve os musculos e produz uma nova e intensa circulação de sangue são que nutre os tecidos e os desenvolve.

Naquelas pessoas cujo Peito se amoleceu e descaiu graças a uma forma especial de massagem, a Electricidade fortalece os musculos e os torna resistentes e fortes e graças tambem ao aumento de uma circulação de sangue são, procura uma nova nutrição d'esses musculos dos seios para que conservem a sua esbeltez e dureza.

Remetem-se Instruções completas.—Preço Francos 35. Reis-Portugal 75\$00, Reis-Brazil 21\$250. Enviar a Importancia por Cheque ou Vale do correio ao Director do Gabinete P. S. MAUT.—Boulevard de Picpus, 49—PARIS.



Não mais drogas.
Fotografia reduzidissima do APARELHO DE MASSAGEM ELECTRICA. Suas dimensões são de 190 X 90 m/m. Peso 500 gramas. Com pletamente de níquel; encerrado em elegante estojo.

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa hora-hora gratis, em portuguez, do professor **YVALO**, 35, Boulevard Bonne-
Nouvelle, 35 — PARIS.

INGLEZ PRATICO
O NOVO METODO
Inglez em 15 dias
Sem livros, sem estudo, com pronunciação figurada e conversação por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se lições separadas a 5 cent. Curso completo 50 cent. Propriedade do autor.
F. ALEXANDER
95, Rua Nova do Almada, s/l, D.—Lisboa

Direitamente da Suíssa
sederias **Schweizer**



Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina suíssa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E II (Suíssa)
Exportação de sedas.

Ourivesaria "CHRISTOFLE"
Fabrica só uma Qualidade
A Melhor
Para obtel-a exigir esta Marca
e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



Nunca é feia a mulher
cujo cabelo é
belo



A. Ehrmann

O melhor para o cabelo
PETRÓLEO GAL